

OLIVE

Chino de
de balladores,
lo-pedra,
sacadas de
na, catadores,
hafe d'ampio,
grueta p'ncipalmente

ESTELLA
Aprender
Cantabriga

Naturalidade

MIRIAM
FRAN
OSM

Gloria

Aprender
Fran
Met
impor
Com

CADENA - do passado
Mishan

Bibl DANIEL
MARIO
ANSIE DADE
TROCAR
INPIE

-CONA

OBJETIVOS DO PROCESSO

1. **TOMAR CONSCIÊNCIA DOS PROCEDIMENTOS E BASES SOBRE OS QUAIS SE CONSTROEM OS DISCURSOS OFICIAIS.**
2. **IDENTIFICAR E TOMAR CONSCIÊNCIA DOS DISCURSOS E NARRATIVAS OFICIAIS QUE CONSTROEM O IMAGINÁRIO SOBRE O BOM RETIRO.**
3. **CRIAR RELAÇÕES ENTRE O DISCURSO OFICIAL LOCAL -BOM RETIRO- E O DISCURSO OFICIAL MAIS AMPLO -CENTRO DE SÃO PAULO, BRASIL, MUNDO.**
4. **PRATICAR A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS E DISCURSOS PELOS CARTÓGRAFOS QUE PARTAM DA EXPERIÊNCIA CRÍTICA DO MUNDO.**
5. **ENTRAR EM CONTATO COM A PRÁTICA CARTOGRÁFICA COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DE MUNDO.**
6. **INSCREVER NA CIDADE UMA "CARTOGRAFIA DO CONFLITO".**

CARTOGRAFIA

Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem. (...) Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

Suely Rolnik, *Cartografia Sentimental*, 1989.

<http://ut.yt.t0.or.at/site/index.html>

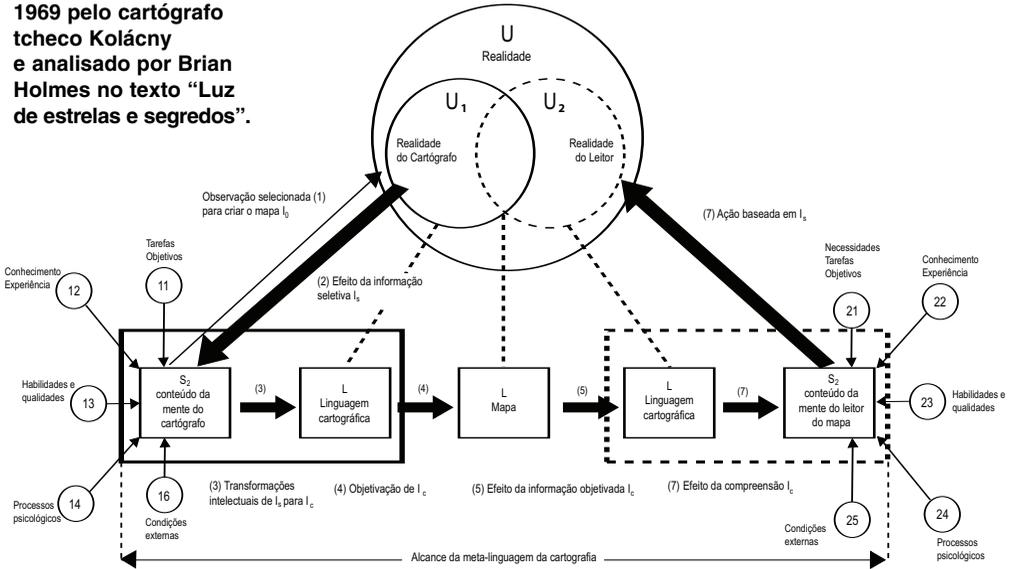
PRODUÇÃO SIMBÓLICA

A construção de discursos se dá de diversas formas: nos meios de comunicação, na publicidade, na educação, na internet, etc. Todos estes meios geram discursos que atingem diversas dimensões e nunca deixam de ser ideológicos, de formar as visões do mundo onde vivemos.

Estamos acostumados a receber estas configurações de nossa própria vida como naturais. Assim, vamos organizando nosso modo de vida: através de relatos que constroem identidade; constroem, inclusive, a identidade nacional. Qual é a história que se relata do lugar onde vivo? Fazer este tipo

LACRADOS

Um diagrama feito em 1969 pelo cartógrafo tcheco Koláčny e analisado por Brian Holmes no texto “Luz de estrelas e segredos”.



de pergunta é começar a construir a nossa própria cartografia de relações, o que nos permite, a partir daí, criar nossos próprios símbolos, nossas representações do mundo no qual vivemos e no qual poderíamos viver.

A construção simbólica tem a potência de interferir na narrativa social, de gerar, por menores que sejam, deslocamentos na configuração estabelecida do possível. É uma intervenção na comunicação.

ESTÃO NOSSOS OLHOS

Ação realizada pelos participantes do projeto, em muro de imóvel vazio lacrado do centro da cidade.

DISCURSO OFICIAL X DISCURSO NÃO OFICIAL

O processo de entendimento do que poderia ser o projeto Cartografias do Bom Retiro se deu principalmente quando iniciamos o contato com textos sobre o bairro, os quais produzem uma imagem que oscila entre o “multiculturalismo democrático” e a percepção dos conflitos ali existentes. O Bom Retiro, neste sentido, é um microcosmo de questões sociais mais amplas que enfrentamos no Brasil: de conflitos profundos, mas sempre adiados; de disjunção entre a falsa imagem de



**“Pelo Brasil
façam-se grandes
coisas”.**



Material publicitário da revitalização do centro.



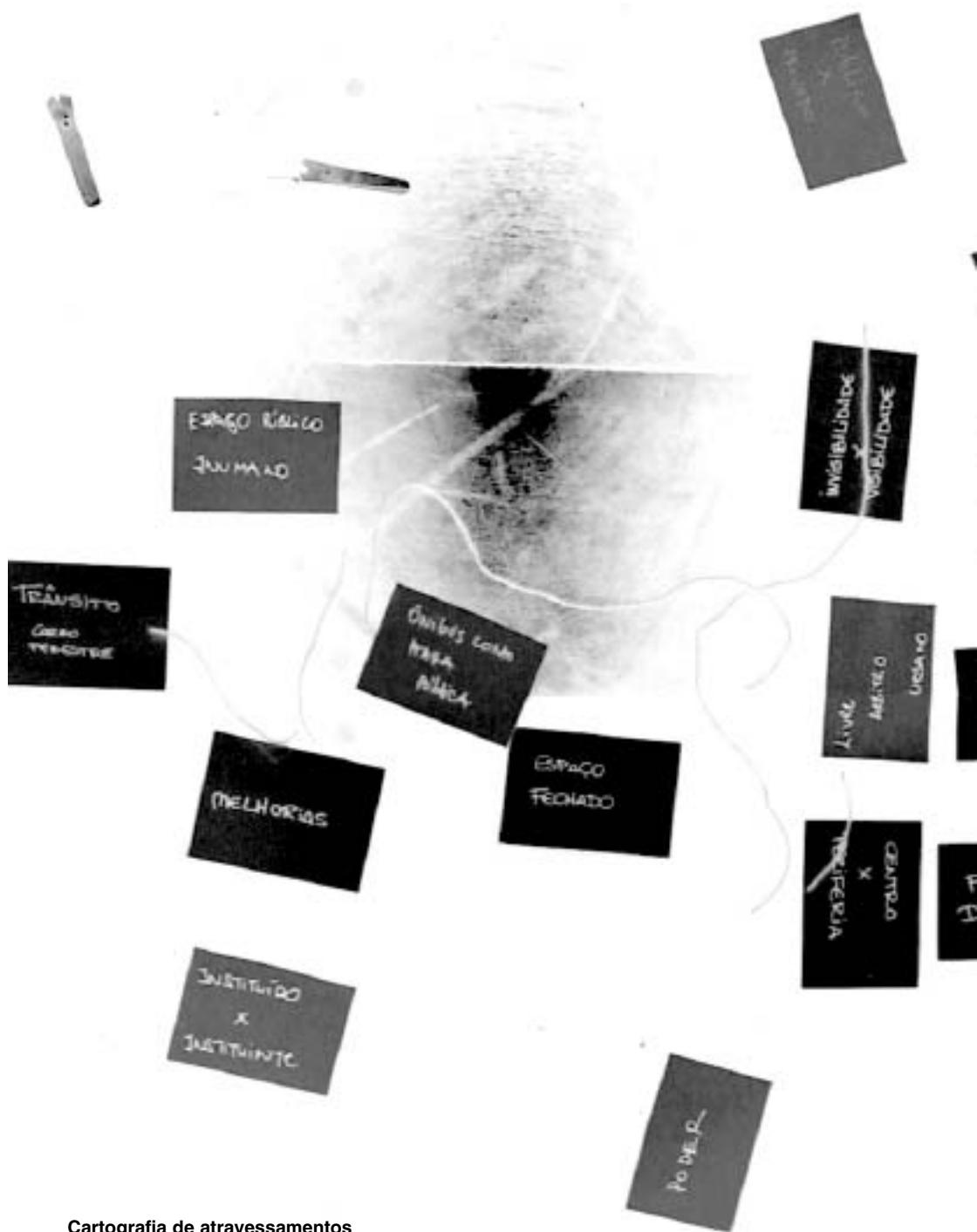
Folheto de divulgação do projeto Cartografias do Bom Retiro, o qual partiu de imagem oficial comemorativa do aniversário de São Paulo.

“democracia social e racial” e uma realidade antidemocrática.

Na mesma época em que iniciamos o curso, foi comemorado o “aniversário de São Paulo”. A produção simbólica oficial produzida para tal data tanto por órgãos do Estado quanto por empresas, discursava sobre a “cidade multicultural, acolhedora dos imigrantes, gentil, completa, rica”. Paralelamente a este evento, discutíamos a importância de entender os paradoxos contidos na produção simbólica sobre o Bom Retiro de forma mais ampla, entrando em contato com grupos políticos, educacionais, movimentos sociais, que atuam no centro da cidade, região onde se encontra o bairro.

Desta forma, fomos ampliando o olhar sobre aquele lugar. Entendendo-o, por um lado, como parte de um processo de construção de discursos oficiais sobre a cidade que seguem a lógica de uma política neoliberal e excludente de revitalização; de outro, como locus de múltiplas experiências de conflito, reais e potencias.

A investigação de experiências subjetivas, anônimas, conflitivas, de tudo aquilo que normalmente fica fora dos discursos e imagens oficiais sobre a cidade, passou a ser exercitada pelos participantes. Assim, fomos tecendo um imaginário compartilhado - não sem embates, não sem discordâncias - que se tornou o nosso contra-discurso.



Cartografia de atravessamentos
feita por participantes do projeto.

CAIXA DE PANDORA

por Carmem

Cavalgar estrelas
beber eternidade
ordenhar nuvens

ou

ver

doses

de UHF e VHS

e,

idólatras boquiabertos,

engolir promessas

de consumo e de

viagens

por mundos nunca

D ante s

navegados

e nem

depois...

prisioneiros

de minúsculas vaidades

deixamos à deriva a vida

de que é feito os nossos sonhos?

manequins e bumbuns imberbes

chips

barro

máscaras e miasmas etéreos

ou

gente como a gente

de carne e osso?

o que somos?

indivíduos especiais,

lentos

imperfeitos

d i f e r e n t e s

na forma de se dar, se entreolhar

se tocar, se despir, se beijar, se odiar

e de fazer amor

ou

rápidos

perfeitos

autômatos em série?

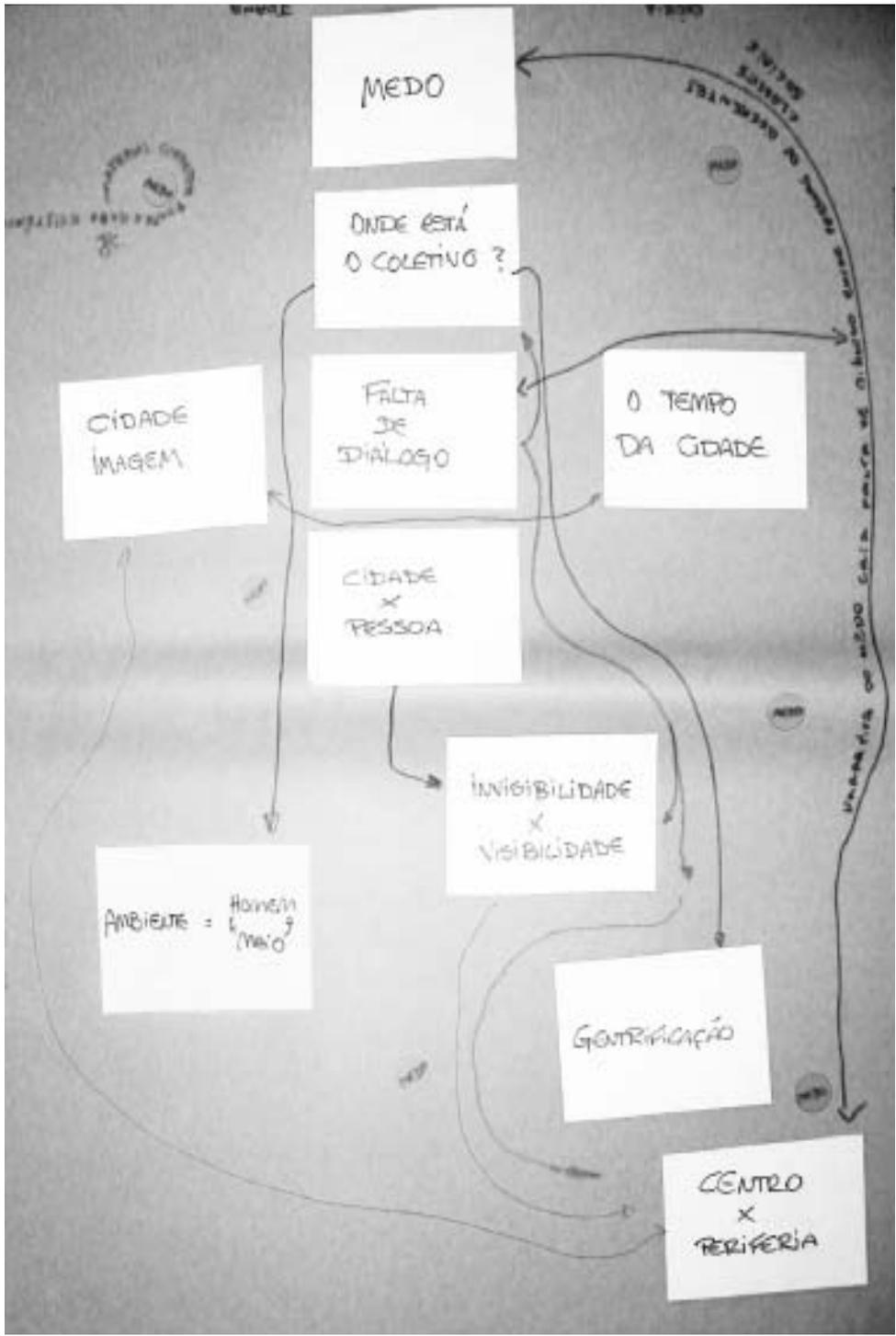
MODERNIDADE
X
TRADIÇÃO

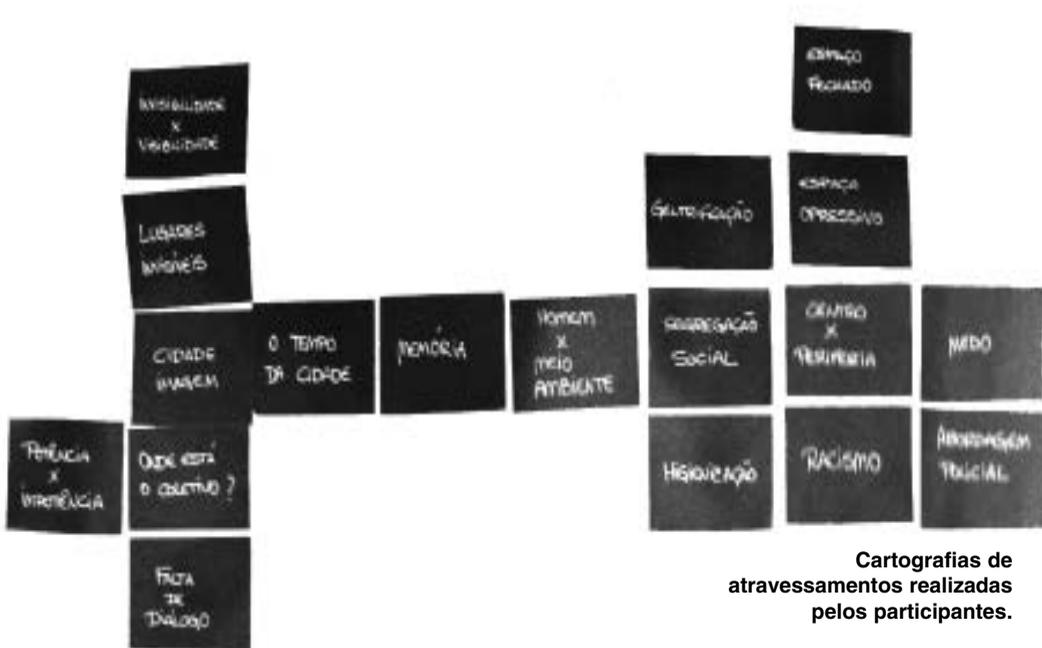
O TEMPO
DO
DIÁRIO

ESPAÇO
OPRESSIVO

CIDADE
X
PESCAÇA

FRUTA DE
PALAÇO





Cartografias de atravessamentos realizadas pelos participantes.

ATRAVESSAMENTOS

Exercício de cartografia 1: inscrever caminhos cotidianos sobre o mapa de São Paulo com uma legenda, onde cada um responde: O que te atravessa ao fazer esse percurso? Sobrepor uma camada de experiência à construção “chapada” do mapa. Os atravessamentos individuais compõem uma cartografia coletiva.

Ao identificar os atravessamentos, “olhamos o nosso próprio olhar”, o que implica na criação de espaços internos-externos de tomada de consciência dos processos cotidianos que nos afetam.

O que acontece então é uma maior tranquilidade ao “deixar-se atravessar”: a angústia problematizada pode tornar-se síntese, símbolo, ação e inscrever-se na cidade como parte de uma “história de atravessamentos”.



Investigação-ação: corpos em risco no encontro com a cidade; corpos ativos; possibilidade de deslocar, interferir; construção de espaços dialógicos no espaço público; ação poético-política como algo possível, na escala da experiência cotidiana.

Em um dos encontros, levamos ao grupo a seguinte proposição: "cada um dos cartógrafos deve eleger um óculos para uma investigação na cidade", ou seja, definir uma chave de leitura, um ponto de partida para observar a realidade. Diversos óculos foram definidos: o medo, o trabalho, a aceleração, a segurança, etc.

A estratégia permitiu ao grupo investigar e agir na cidade, simultaneamente. Com cadeiras dobráveis em mãos, cada um vestiu simbolicamente seus óculos e saiu à procura de situações que pudessem apresentá-los. A partir do reconhecimento de uma situação potente, as cadeiras se acumularam em determinado lugar e este movimento mobilizou não apenas os olhos, mas os corpos inteiros. Gerou tensão, estranhamento, atrito.

INVESTIGAÇÃO-AÇÃO



A primeira parada aconteceu na esquina da Rua da Graça com a Rua Correia de Melo, onde alguns catadores de papelão almoçavam. A situação foi o ponto de partida para um debate sobre o trabalho informal, relações entre centro e periferia, autonomia e marginalização, cooperativas e grandes empresas.

A segunda parada aconteceu em frente a uma loja de roupas. Na calçada existiam vasos de concreto, colocados para impedir a instalação de barracas de camelôs diante da loja. A loja também contava com câmeras de vigilância e um segurança particular, que pediu ao grupo para retirar as cadeiras da calçada. O grupo decidiu não sair até terminar uma conversa, que girou, principalmente, em torno do uso privado do espaço público.

A última parada aconteceu em uma ilha de concreto, em frente ao Jardim da Luz. Diante de um prédio vazio lacrado, o grupo conversou sobre a relação entre a vida e a propriedade, o planejamento e práticas urbanas, a gentrificação e o processo de "europeização" do centro de São Paulo.

A experiência das cadeiras proporcionou a ocupação de espaços públicos para a observação e a discussão. O uso diferenciado das cadeiras, do que se vê normalmente pelas ruas, nos tornou visível. E o fato de ser um grupo, deu força à atividade.

Por Camila

SISTEMATIZAÇÃO CARTOGRÁFICA

A investigação-ação das cadeiras foi sistematizada em uma nova cartografia coletiva. Esta cartografia partiu dos seguintes eixos: óculos pré-definidos pelos cartógrafos, paradas realizadas pelo grupo, reflexões geradas nas paradas e dispositivos de controle reconhecidos.

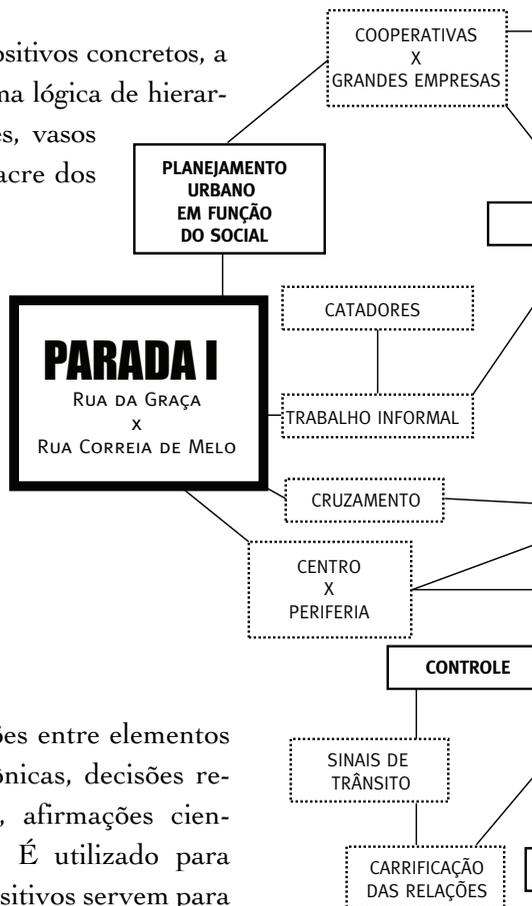
No percurso, o grupo encontrou dispositivos concretos, a serviço do controle e da manutenção de uma lógica de hierarquização dos corpos e dos espaços: grades, vasos anti-camelôs, o segurança particular e o lacre dos prédios vazios.

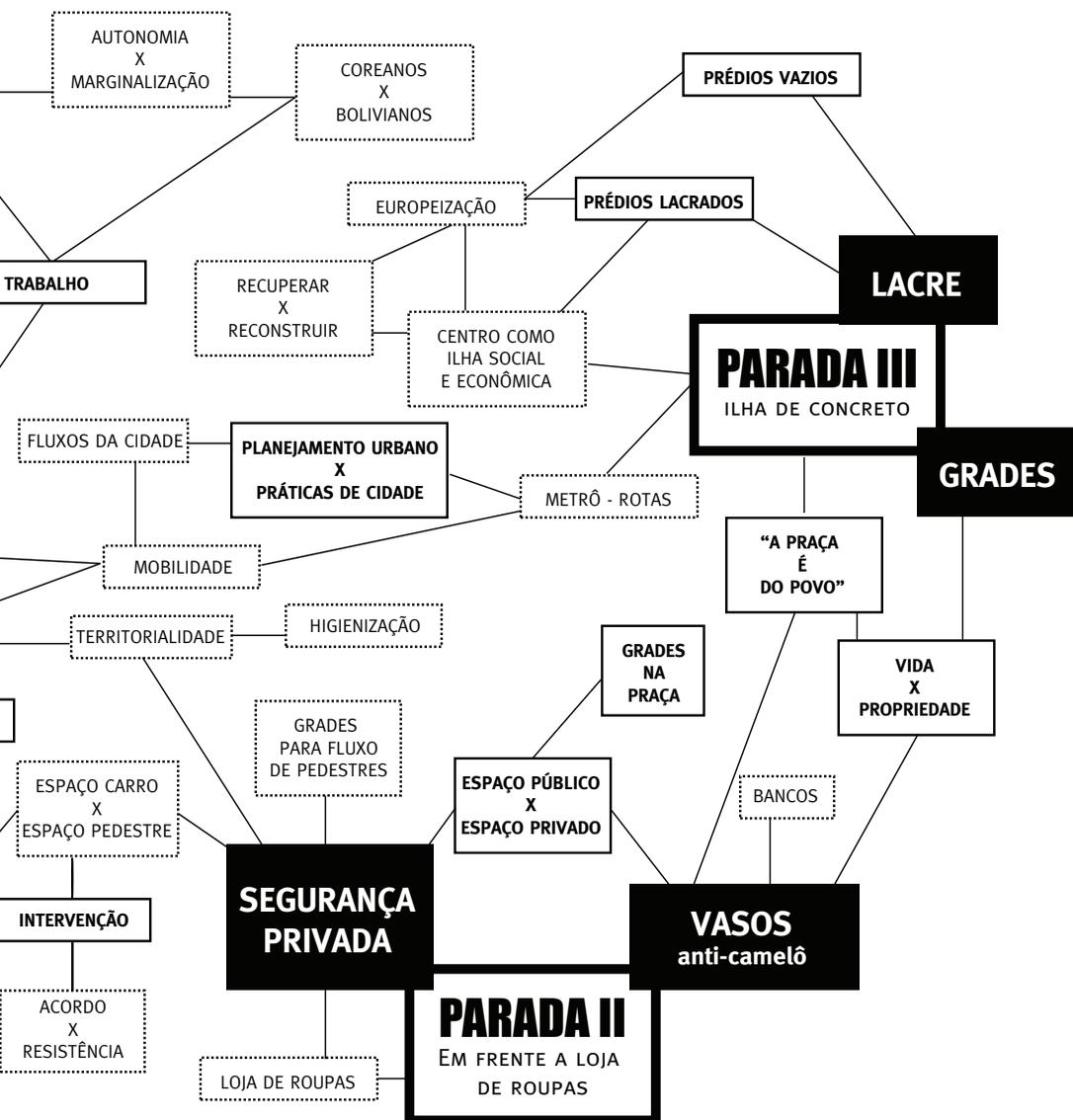
A partir dos interesses pessoais, o grupo se dividiu em quatro sub-grupos, com o objetivo de aprofundar a pesquisa e reflexão sobre cada um dos dispositivos. Cada sub-grupo iniciou um processo de formalização de suas reflexões elaborando intervenções na cidade.

DISPOSITIVOS DE CONTROLE

O dispositivo é um sistema de relações entre elementos heterogêneos: discursos, formas arquitetônicas, decisões reguladoras, leis, medidas administrativas, afirmações científicas, proposições filosóficas e morais. É utilizado para muitos propósitos de uma só vez. Os dispositivos servem para consolidar e estruturar racionalidades científicas e sistemas governamentais mais amplos partindo de situações sociais particulares. Mas é também a instância singular onde estas relações se rompem, se reorganizam a si mesmas, se redirecionam a outros propósitos.

Baseado em: Brian Holmes, *El dispositivo artístico, o la articulación de enunciaciones colectivas*, in *Brumaria 7*, Madrid, Espanha, 2007. <http://brumaria.net/publicacionbru7.htm>





Cartografia coletiva realizada a partir da investigação-ação das cadeiras, seguindo os eixos: óculos pré-definidos pelos cartógrafos, paradas realizadas pelo grupo, reflexões geradas nas paradas e dispositivos de controle reconhecidos.

CERCA ELÉTRICA

A partir das urgências de participantes da oficina fomos investigar a Praça Roosevelt; lá encontramos um longo processo de transformação da praça que reduziu sua função pública, através de diversos dispositivos, entre os quais, o mais evidente ao grupo foi o controle de circulação imposto pelas grades.

Como proposta de ação reveladora deste dispositivo foram colocadas, em diversos locais da praça gradeada, placas de sinalização com os dizeres “Perigo: Cerca Elétrica” e “Perigo de Vida: Alta Tensão”.



GRADE

3

ESPAÇO PÚBLICO X ESPAÇO PRIVADO

2

VASOS ANTI-CAMELÔS

3

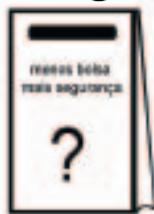


4

PRIVADO X PÚBLICO

A ação “Abuso do público para uso privado!” se deu a partir do dispositivo dos VASOS E BANCOS, investigamos a CALÇADA, seus diferentes espaços e usos. Encontramos três binômios centrais: Formal x Informal, Com Estrutura x Sem Estrutura e Público x Privado. Como se dá um uso público de um espaço? Como se dá um uso privado de um espaço? Qual os limites entre o público e o privado?

- 1 ATRAVESSAMENTOS
- 2 CRITÉRIOS (oculos)
- 3 DISPOSITIVOS
- 4 INTERVENÇÃO



4

DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA

2

SEGURANÇA PRIVADA

3

LACRADOS ESTÃO NOSSOS OLHOS

UM: O grupo percebe o “próprio olhar de estranhamento” para o movimento social por moradia do centro. Ocorre o entendimento de que a imagem que a opinião pública cria do movimento, que envolve a criminalização e a idéia de invasão de propriedade, é causa e conseqüência deste estranhamento. DOIS: Os lacres que fecham propriedades vazias para que não ocorram ocupações, antes invisíveis ao grupo, tornam-se mais do que



4

LACRE

3

VIDA
X
PROPRIEDADE

2

instituído x instituinte

aceleração

coletividade?

opressão

(i)mobilidade

público x privado

1

medo

higienização

(in)visibilidade

(im)potência

o lacre? Que chave abre o

lacre? QUATRO: O

grupo conclui que o

lacre representa o

desconhecimento em

relação ao movimento

popular associado à crença nos

discursos oficiais. Pensamos: “O lacre está em nossos próprios olhos!”

CINCO: ação “LACRADOS ESTÃO NOSSOS OLHOS”

MENOS BOLSA MAIS SEGURANÇA?

A identificação de dispositivos de segurança no Bom Retiro nos levou a pensar o quanto esta imagem está presente na cidade. Alunos da PUC participantes do grupo reconheceram esta problemática no espaço da universidade, onde o aumento de segurança se dá ao mesmo tempo em que a diminuição das bolsas de estudo. Pensando a partir de uma realidade que transcende a universidade, se percebeu como o discurso da segurança e sua lógica do medo produzem, por um lado, uma ruptura nos laços sociais fazendo com que qualquer pessoa seja potencialmente um criminoso ou uma vítima; e, por outro lado, organizam uma suposta solução à insegurança através da militarização do espaço público.





ESTÃO MESSOS

SÓCIO



Não existe forma legítima de se entrar.
O lacre não é uma porta, o lacre é um muro.
O lacre é a parede que fecha a casa.
É o muro que mata a casa.
Não existe forma suave de entrar.
Eu quero entrar
Eu quero entrar



Eu quero entrar
Existe vida roendo o espaço abandonado.
Queria alguém vivo que soubesse o segredo
dos lacres
Alguém que mostrasse, sem sombra de
hesitação.
A ferramenta que rompa o lacre



Sem rasgar a nossa pele, fina
O lacre é a sepultura da casa.
Marginalizados, oprimidos,
Explorados e sem teto
Têm de enfrentar os donos do Poder
Os detentores da lei, que tratam de
Amputar os desejos populares inerentes à



vida.

A esperança rima com popular,
Com aquilo que é comum a todos:
TETO, PÃO, VIDA e SOBREVIVÊNCIA!
O lacre é a sepultura da casa.
Um coração sente o que seus olhos não vêem.
Que chave abre esta porta?



Qual porta?
A que abrirá nossos olhos.
Insultante verdade
é o NÃO que nos paralisa
Invisível vazio
que encerra mundos em superfícies
CIDADE DE LACRES



CIDADE DE PEDRA
CIDADE DE MUROS
CIDADE DE QUEM?
CIDADE DE QUEM?
CIDADE DE QUEM?



Por Camila, Carla, Estela, Joana, Mariana.







CACHORRÓROMO

Das 7 às 19 hs

Proprietários de cães podem utilizar o espaço, lembrando a todos que é obrigatório o recolhimento de detritos deixados pelos animais, sob pena de multa. Lei Municipal Nº 13131 / 01

AMMANIA

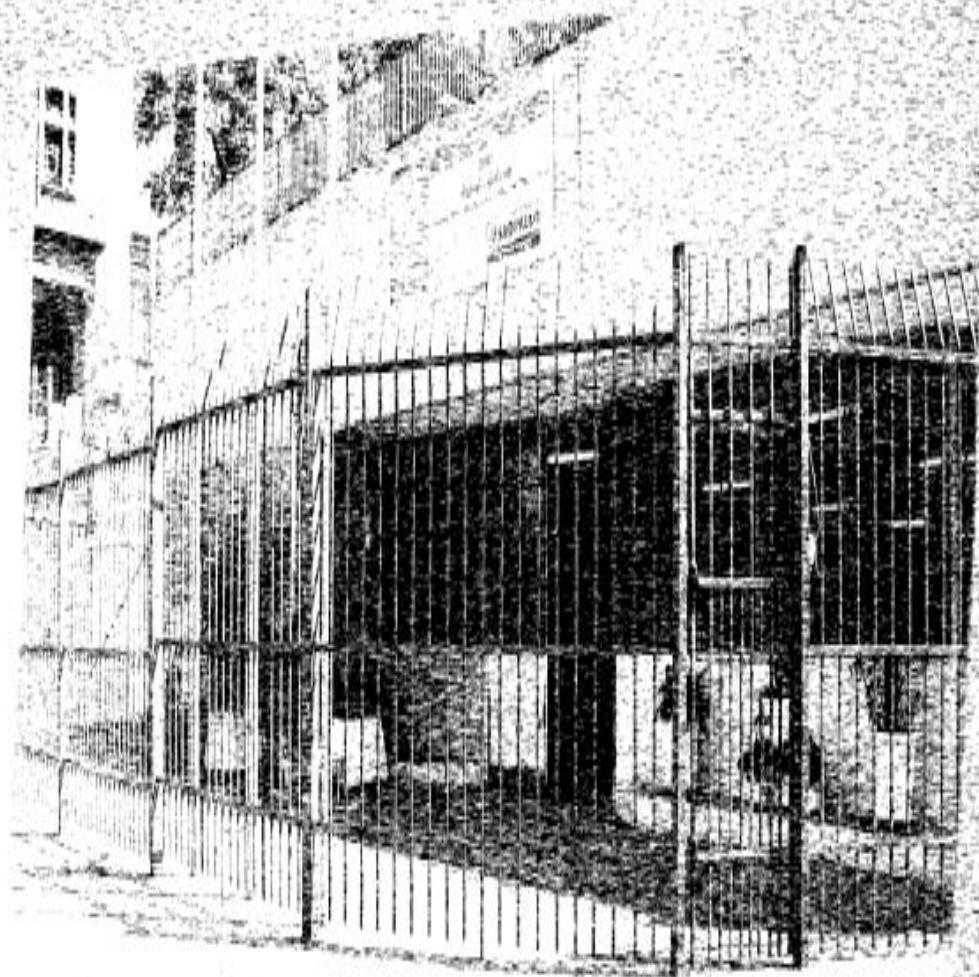
Av. Serravallo, 288
Lagoa do Eng. COPAN
Tel: 3331-2534

Apresenta:

AÇÃO LOCAL

AÇÃO CÃO





Fotos feitas durante
o processo de
pesquisa do curso.

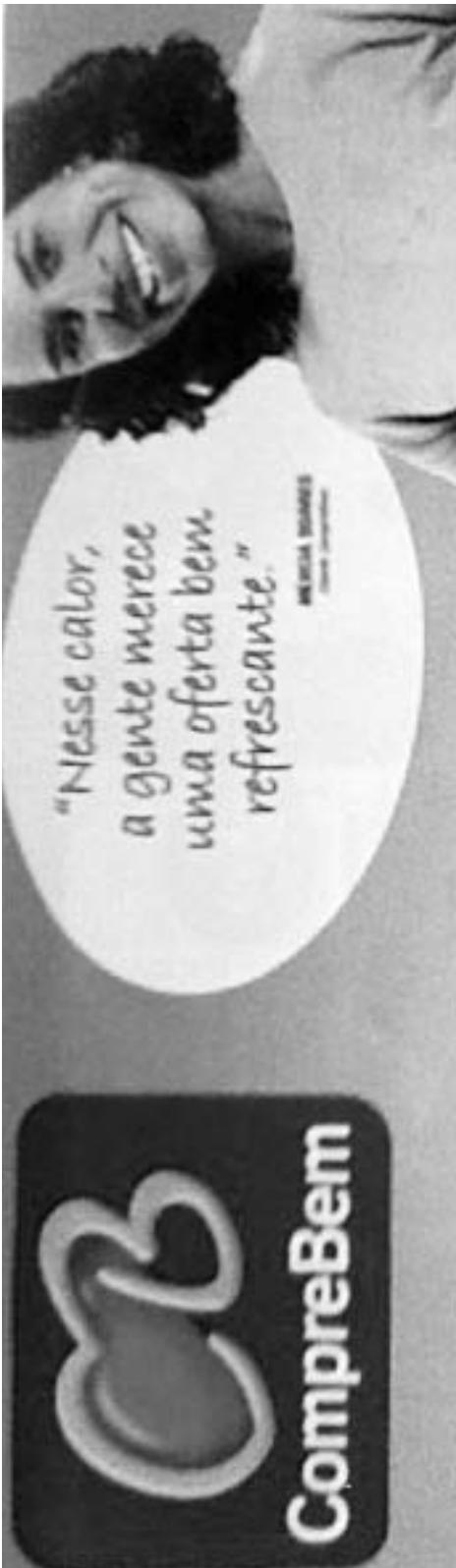
PERIGO 
CERCA
ELÉTRICA 



PERIGO
DE VIDA
ALTA TENSÃO



Foto: Peetssa



"Nesse calor,
a gente merece
uma oferta bem
refrescante."

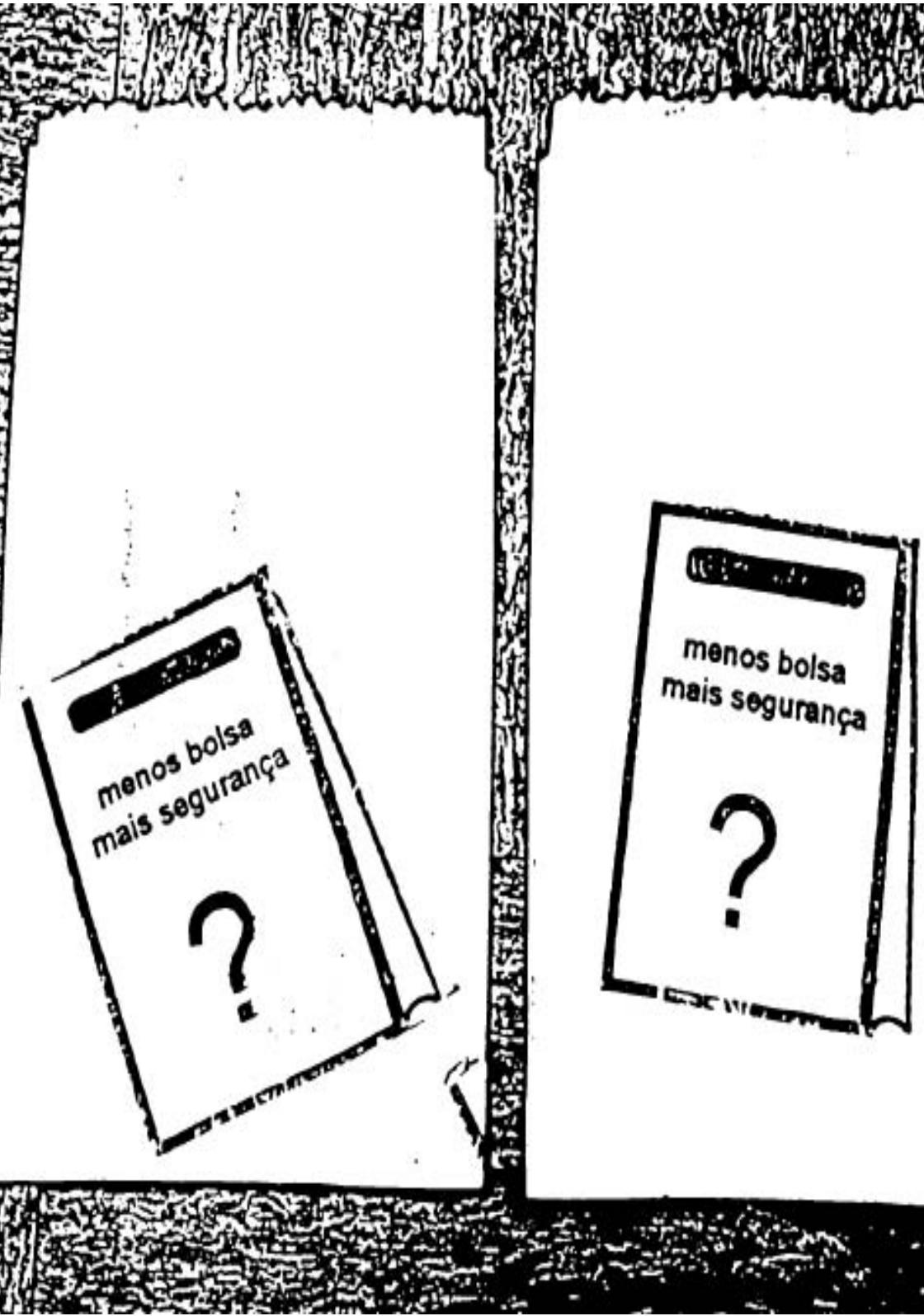
MELISSA SOARES
www.comprebem.com.br



CompreBem

**"SOMOS FISCALIS
PÚBLICOS AUTO-
INTITULADOS.
VIEMOS AUTUAR
ESTE
ESTABELECIMENTO
PELO ABUSO DO
ESPAÇO PÚBLICO
PARA USO PRIVADO."**



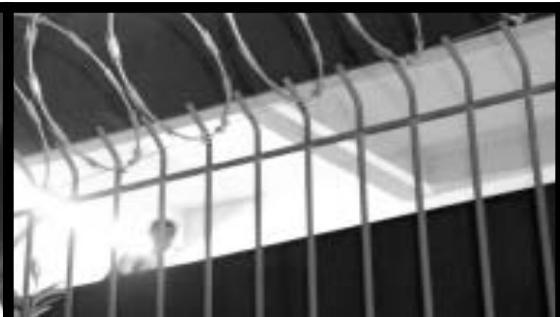


menos bolsa
mais segurança

?

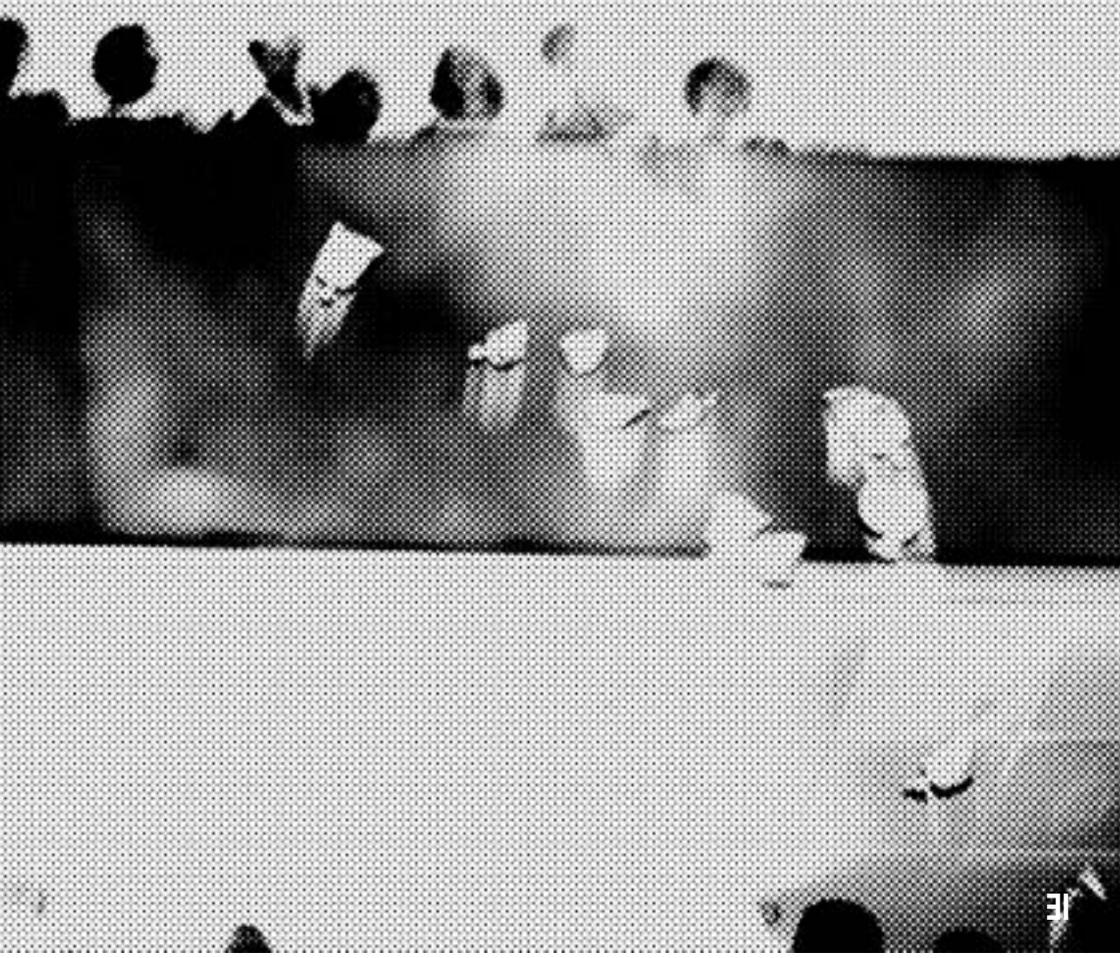
menos bolsa
mais segurança

?





29/03/2007 - 17h51 - Atualizado em 29/03/2007 - 17h56
Em dois anos, PUC-SP deixa de oferecer 1.565 bolsas. Bolsas restituíveis sofreram o maior corte. Universidade diz que aumentou benefícios concedidos por filantropia. O número de bolsas concedidas a estudantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) passou de 7.950 em 2005 para 6.385 neste ano. Uma diminuição de 1.565 auxílios para os cerca de 20.500 de alunos de graduação e pós da instituição.





PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo, abril de 2007

Prezado (a) Aluno (a),

Até dia 30 de abril de 2007, leve este cupom ao Expediente Comunitário e troque um segurança GRABER por uma bolsa de estudos.

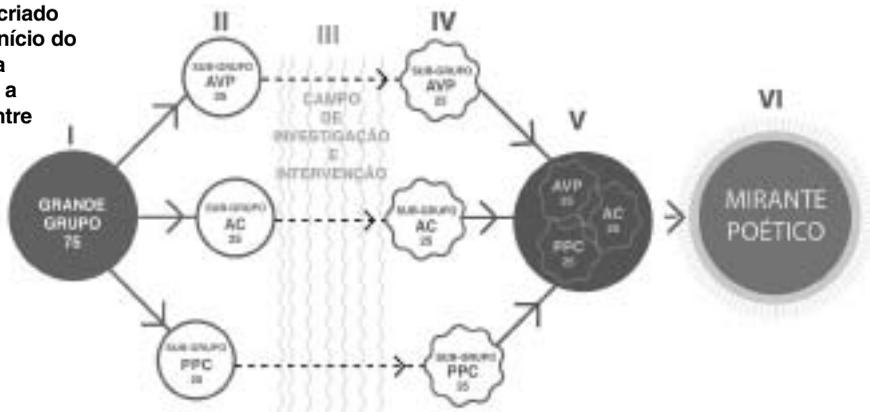
Sem mais,
Reitora.

RUA MONTE ALEGRE, 664 - PERDIZES - CEP 05014-001 - TEL.: (11) 3570-8000 - SÃO PAULO - SP



ENCUENTRO DE ZONA

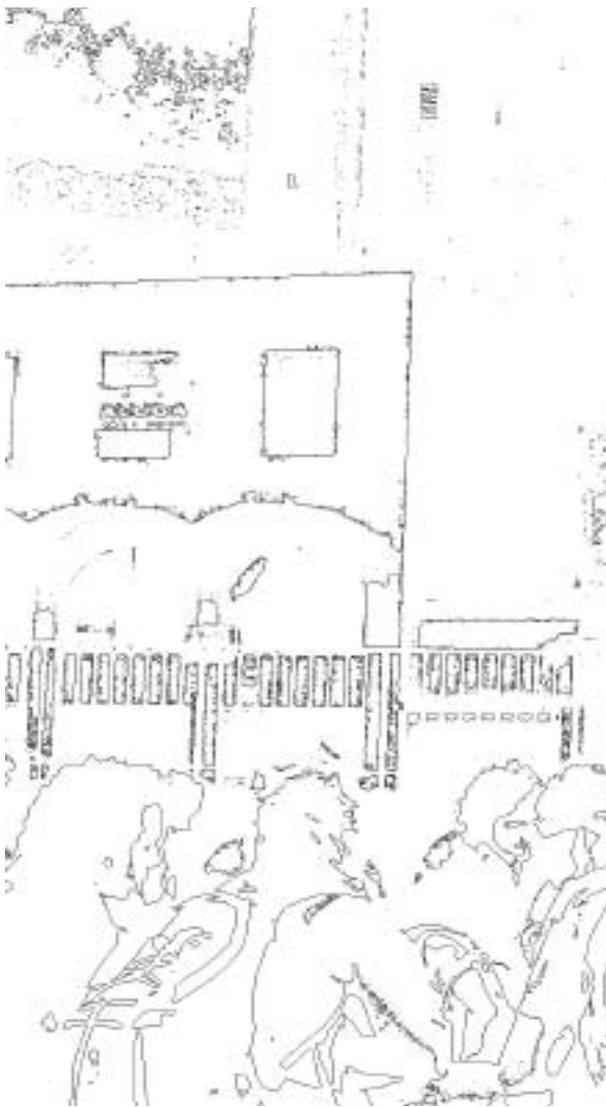
Fluxograma criado pelo PI no início do projeto para representar a dinâmica entre grupos.



POLÍTICA DO IMPOSSÍVEL NESTE PROJETO:

Beatriz Carvalho, Cibele Lucena, Daniel Lima, Eduardo Consoni, Jerusa Messina, Joana Zatz, Luciana Costa, Mariana Cavalcante e Rafael Leona.

Alunos participantes: Camila Alves Pinho, Carla Tennenbaum, Carmem Zilda Ribeiro, Edelsio Alves da Silva Junior, Eder Carmargo, Eduardo Carlini (Tarzan), Estela Maris, Fernanda Pezzatto, Glória Kampf, Marco Antonio Dalama, Miriam Aranovich, Oliver Cauã Cauê e Thiago Benicchio. Agradecimentos: Cesar A. Sartorelli, Valdir Rivaben e equipe de produção da Oficina Oswald de Andrade, Esqueleto Coletivo e Fórum Centro Vivo.





USOS E PARADOXOS URBANOS

por Eder

(...)

O que é legítimo? Ações menores e maiores, públicas e privadas ganham sentido a partir dos usos e intensidades que as atravessam. O sentido do público em uma cidade é uma manifestação de seu desejo coletivo.

As ações privadas são como desejos culpados. Na falta de reconhecimento e legitimidade pública se realizam gostosamente em seus ambientes vizinhos e mesquinhos despreocupadas por não estarem interferindo em outras vidas, apoiadas no fato de não alcançar a esfera pública.

Como uma ação faz-se pública? Pouco nos interessa o que é uma ação pública. Como uma ação qualquer ganha o status, o reconhecimento, a legitimidade pública? Podemos falar de tendências, dispositivos, forças, eleições, burocracia, regulação, representação, desejos e permanecemos apenas circulando o público.

Toda ação disputa o espaço público em benefício privado. Ocupa, resiste e produz um espaço que pode ou não dar passagem à vida.

O espaço público usado pelo Estado está marcado pelo jogo das corporações. As corporações empreendem a disputa pelo público em prol de seus interesses. As corporações, por sua vez, não sentem culpa.

A ação privada das corporações engarrafa a vida, embala e nos vende nossos desejos e encenamos a tragédia da vida pela comédia do consumo. A ação privada do homem comum resignada assiste a tudo isso crente na salvação por algum dispositivo de última hora.

Abusemos do espaço público. Disputemos o espaço público. Inundemos de referências, confundamos o comum, o pedestre. Misturemos os conceitos, personagens e ações, pois estão de fato misturados. Combinemos o público e o privado em nossas ações, afinal estão casados há muito tempo e não dão sinais de separação.

Disputemos a ação privada, pois isso é uma disputa pela ação pública. Disputar de maneira a não se confundir com os usos e regras estabelecidas. Hoje, disputar o sentido da cidade é disputar a imagem pública de realização da vida.

O uso do Estado não é público da mesma maneira que o uso das corporações não é privado. As ações privadas tornam-se públicas pelos usos que as constituem. O uso privado não pode mais se ressentir de sua dimensão pública. Precisa exercê-lo em prol da vida e não das corporações, sejam elas públicas ou privadas.

UMA CONCLUSÃO

Talvez a maior conquista do projeto tenha sido a possibilidade de compartilhar um espaço de produção simbólica coletiva. As dificuldades de produzir em grupo ficaram rapidamente evidentes nos primeiros exercícios, onde já tínhamos que consensuar decisões, chegar a resultados conjuntos.

O movimento baseado no pêndulo entre o subjetivo (individual) e o grupal (objetivo) foi o percurso que marcou a trajetória da oficina, gerando um conceito de grupalidade onde o aporte subjetivo é fundamental na organização e no sentido mesmo do grupo. Tentou-se assim compartilhar uma estrutura na qual o individual não se dilui no grupal, mas se configura ao mesmo tempo afirmando-se e transformando-se em função das outras subjetividades.

Outros momentos importantes foram os de compartilhar conceitos, idéias, formas de ver o mundo. Uma linguagem que foi se desenvolvendo em função de uma cartografia das angústias e dos desejos... Mas como nomear isso que nos atravessa? Como se nomeiam as percepções? Como organizá-las para voltar aos desejos e angústias de forma produtiva e propositiva? Como gerar mobilidade? Atravessamentos, óculos, chave de leitura, fio vermelho, dispositivos, cartografia, conflitos, construção simbólica, visibilidade X invisibilidade, intervenção urbana, ação. São somente formas de nos organizarmos, não a única nem a definitiva, mas enquanto outras formas são criadas, são estas as que nos vão dando a possibilidade de nomear a angústia, o conflito, de organizar nosso contexto e a nós mesmos. São ferramentas para acionar a transformação social partindo do lugar onde vivemos. Muitas coisas ficaram de fora. Os processos de mudança e construção coletiva são longos e precisam de uma coesão produzida desde o interior do grupo, que dê continuidade e que aprofunde os caminhos eleitos. Está em cada um agora continuar o que foi inaugurado.

π

O GRUPO POLÍTICA DO IMPOSSÍVEL - PI
EM PARCERIA COM A OFICINA CULTURAL OSWALDO DE
ANDRADE IDEALIZOU E REALIZOU O PROJETO
CARTOGRAFIAS DO BOM RETIRO.

O "FIO VERMELHO" (EIXO) DESTA PROCESSO SE DEU
COMO UM MOVIMENTO PENDELA QUE IA E VOLTAVA
DA DIMENSÃO MICROPOLÍTICA - EXPERIÊNCIA DE
CIDADE DOS "CARTÓGRAFOS" (PARTICIPANTES DO
PROJETO) - À DIMENSÃO MACROPOLÍTICA - O QUE
DESTAS EXPERIÊNCIAS SE REVELAVA COMO
ESTRUTURAL DAS RELAÇÕES SOCIAIS: DO NOSSO
BAIRRO AO NOSSO PAÍS; DA NOSSA CIDADE AO MUNDO
GLOBALIZADO.

PI - POLÍTICA DO IMPOSSÍVEL - É UM
GRUPO DE ARTISTAS-EDUCADORES QUE TRABALHAM
NA INTERSECÇÃO ENTRE ARTE, POLÍTICA E
EDUCAÇÃO.